

Anno I

# MERCURIO

N. 7

ORGAM DA CLASSE CAIXEIRAL

DESTERRO, 7 DE FEVEREIRO DE 1886

## HOMENAGEM

A'S

Distinctas sociedades carnavalescas

BONS ARCHANJOS

E

DIABO A QUATRO

cais do jardim

## MERCURIO

Desterro, 7 de Maio de 1886

Dedicando hoje a nossa folha ás sociedades carnavalescas *Bons Arcanjos* e *Diabo a Quatro*, fazemo-lo inspirado na convicção de que obedecemos ao mandado da nossa própria vontade.

Incansavel no serviço de apoteosizar as concepções que trazem a verdade do espírito que deve influenciar na actualidade, o «Mercúrio», orgão de classe modesta, mas nobre por todos os títulos, abortaria no cumprimento do dever, si não viesse hoje, interpretado por uma phraseologia vulgar, sem atavio algum, render uma homenagem muito sincera a esses gremios, cujo passado é o histórico das mais dignas conquistas nos arraiaes do folguedo.

Fundadas ha 7 anno sob o impulso vigooso d'essa força de vontade ferrea, cuja eficiencia garante sempre a realização das graças ideias, elas devem o não terem desaparecido de ha muito, aos esforços heróicos d'aquelles a quem a perseverança e a energia jamais abandonaram, sempre que for mister de pé em activividate total e qualquer instituição que possa espalhar utilidade por sobre esta capital.

Reconhecendo nós que o «carnaval» no Desterro, antes de ser um meio de, em tempo preciso dar-se campo à expansividade do espírito que caracterisa á mocidade, é um elemento a agir felizmente pela manutenção da moralidade que deve presidir ao acto público do cidadão, por quanto, no objecto da critica bem comprehendida, analysa decente e imparcialmente os acontecimentos que mais chamam a si a atenção geral, não podemos furtar-nos a prestar o nosso pouco valioso, porém muito franco apoio, às congregações de individuos que pretendem imprimir um carácter alegre a esta quieta primavera.

cidade, durante os trez dias consagrados ao volval deus (Momo). □

Tal diversão, tendo entre nós tocado á meta do útil e do bono, o incognito que aprecia-la, ali encontrará um característico muito fiel do nosso aperfeiçoamento; pelo que é impossivel, sem fazer-se uns ao qualificativo de pessimista, taxar de desastrado o modo por que pomola em prática.

Sempre que parte de um povo manifesta uma tendência que se adapta à marcha da civilização, ao to lo cumple prestar lhe o indispensavel apoio, sendo que este pode preceder de dois pontos distintos: do esforço que garante a infallibilidade do fim, ou da condescendencia que da margem á disposição do meio.

D'ahi resulta que ninguem, francamente, pode hoje mostrar-se infuso ás festas que vão começar; além de que uma vez que estas conseguiram salientar-se de todas as outras quer religiosas, quer profanas, a cidade do Desterro desceria na escala do conceito estranho si os seus habitantes deixasssem de realizá-las mais uma vez.

Por conseguinte, não ha que duvidar: o «carnaval» de 1886, excederá no Desterro ao contorno que a nossa imaginação está traçando, visto que as dignas sociedades *Bons Arcanjos* e *Diabo a Quatro*, necessariamente exhibir-seão com o mesmo brillantismo que nos faz recordar a mais viva, com a mais digna satisfação, a historia de hontem.

Ora, á vista da razoabilidade do que deixamos exposto, é justo que o «Mercúrio» tire o barrete á passagem de «Momo» pelo anno corrente. □

E, de facto, é o que faz.

## MOÇIDADE,

ide, como um exercito bem disciplinado admirar as duas formosas guerreiras de 86: — *Bons Arcanjos* e *Diabo a Quatro*;

e quando o clarim do felizardo *Archango*  
quando  
e a algazare febil e sympathica da  
*diabura*, ferindo o silêncio que adormece  
as palpebras nervosas da atmosphera  
abalar a placidez terrestre, levantai  
a fronte galharda e repleta de mimosos  
attrativos e deixai partir do peito, arre-  
batante como os acordes suaves de  
uma walsa um admiravel, estrepitoso  
— bravo !

Vencida ou vencedora, qualquer das  
duas formosas carnavalescas são dignas  
da homenagem que presta-lhes este  
modesto organo de publicidade e dos  
agrados e affeções públicos.

Saudando o carnaval de 1886, dese-  
jamos ás duas sociedades que — flores,  
muitas flores impulsionem-lhes a vida  
a demandarem por largos annos o porto  
do prazer, da união e da harmonia.

Octávio.

### SALVAS

A onda popular agita-se repentina-  
mente.

Bravos !... eis-as que despontam gar-  
bosamente brillantes e brilliantemente  
garbosas !

A «Bons Archangos», a par de um luxo  
que deslumbra, oferece á apreciação pu-  
blico obras de alta importância artística,  
e a «Diabo a Quatro» traz o espirito fino  
da illusão perfeitamente disposta, clara,  
sob uma apparença não menos digna,  
do que a da sua rival.

Abrem-se as celas, alma do povo,  
que se acotovella para fár saída aos  
applausos que estrepitam.

Confundem-se as causas.

O ancião grave e sério, queda-se na  
praca publica para fazer côro á exponta-  
nea gargalhada do moleque que pula,  
que salta satisfeitosamente !

A janella, a velha que si ao lado da  
donzella que analysa a phantasia do na-  
morado, presume-se de novo transporta-  
da ao periodo dos quinze annos !

Não aparecem as rugas daquelle  
physionomia sexagenaria, gasta, porque  
o riso, o primogenito do prazer, localizou-  
se ali, temporariamente.

As notas que soltam as philarmonicas,  
que marcham á frente dos banchos,  
combinados com o bello das phan-  
tasias, que brillam, injectam vida, muita  
vida, nas arterias da populaçao !

Parecem que as causas hem se, em  
quanto a brisa serenamente passa entre  
and hymnos ao publico que folga...

O sol, desaparecendo já através do  
horizonte, beija ainda satisfeito o dourado  
dos carros que rodam paulatinamente...

Assim desfilam os prestos.

E as chimeras, em bandô, esvoacam  
por sobre o trabalho que dormia no  
centro desse torneio da folganza !

Dis o que será do carnaval de 1886,  
que salvamos na cidadade.

Thales.

### O CARNAVAL

Se ha um facto que demonstra quanto esta-  
mos adiantado em civilisaçao, é sem dúvida as  
festas que rendemos todos os annos ao deus Mo-  
mo.

Assim não pensão muitos retrogados, verdadei-  
ros inimigos de tudo que se diz progresso, que  
exigem no carnaval um esbanjamento de di-  
nheiro, uma orgia e outras coisas mais proprias  
de cerebros escuros.

Nós, a mocidade, o futuro brilhante d'esta  
briosa terra, pensamos que é preciso nos diver-  
tir porque somos jovens e os divertimentos não  
se fizeram para os velhos.

Por este motivo dedicamos hoje a nossa  
modesta folha as duas distintas sociedades carna-  
valescas *Diabo a Quatro* e *Bons Archangos*,  
desejando que nas suas passagens colham somen-  
te risos e flores, partidas do bello sexo Dester-  
rense.

Eduardo Vagner

## Poesias

### Aos Bons Archangos

Do concavo do Ethereo  
hão de cahir, cahir em vossos largos hombros  
um turbilhão de sões, um turbilhão de as-  
sombros.

n'um profundo mysterio,  
que havemos de ficar extaticos, nervosos,  
contemplando da turma os Anjos magestosos  
que parecem voar e ter sobre as azas  
bonitas, multicóres,  
um fluido de metal, expargindo nas casas  
uma alegria doce, e petalas de flores...

Bes Archangos o bando  
todo muito triunfante, artístico, parece  
que nos ha de chegar, sublime, rutilando,  
como uma porção de astros  
que da curva celeste o manto azul floresce,  
deixando no passar esplendorosos rastros,  
deixando muita luz em projectados prismas,  
que nos arrumam n'alma espumâncias de scismas!

Um sangue luminoso, ardente e vigorante  
que corra e que palpite em vossos coraçõezinhos,  
deixando sobre o povo um extase vibrante,  
cheio demuita vida e de alicunções.

Dos vossos peitos dentro, à forte luz que ex-  
plose  
estilhaços veris de idéas gigantescas,  
que pulse, e pulse, e pulse em viva apotheose,  
o pulmão das gentis cousas carnavalescas!..

*Victor Rangel.*

### O PAGEM

Densa era a sombra que do arca hia,  
O castello em silencio reposava;  
E o pagem que no carcere jazia,  
Em lagrimas banhado assim chamava:

« Insensato que fai ! esta utopia  
Tão alto se elevou — que eu só pensava  
N'ella... a filha do rei!... Tal ouzadía  
Esta prisão fatal me reservava !...»  
  
N'issso, entre as grades da prisão escura  
Apparece uma virgin bella e pura...  
— « Que vens fazer aqui, princeza ? O louca!...  
— Eu louca? sim... que enlouqueci d'amores;

« A escolta tome além, nos corredores...  
« Sou filha do rei, — beija-me a boceia !

*Miguel Teixeira.*

### O PÉ

A prima do meu amigo  
tem pés de tamanho tal,  
que não são pés — são perigo,  
não fazem bem, fazem mal...

Quando tu me apresentaste,  
(que maganão que tu és),  
aposto que te enganaste  
ou fizeste de sonso,  
devias ter dito : Afonso,  
eu te apresento estes pés.

Nem fumadores de opio  
pés assim podem sonhar;  
vou comprar um microscópio  
para os poder contemplar.

Fosse eu tu, e quando andasse  
das multidões atravez,  
diria a quem perguntasse :  
— E's primo d'aquelle moça ?  
— D'ella não... olha como ?  
— Ouça  
sou primo só dos seus pés !...

Que estes versos lhe não contem  
como eu me sinto captivo,  
são pés no diminutivo,  
parecem nascidos hontem.

Tão pequenos, tão sympathicos  
saltam, no entanto, por dez...  
Mimosos homopaticos,  
valem mais que o corpo acima,  
Em summa : essa tua prima  
é prima que prima em pés

*Afonso Celso Junior.*